

Casa das Garças – Evento Marcílio Marques Moreira. Aniversário 93 anos e lançamento do livro “O Social Como Elixir”.

Rio de Janeiro, 4 de dezembro 2024.

José Luiz Alquéres

Após ouvir atentamente as palavras daqueles que me precederam, todos grandes economistas e colaboradores da equipe que Marcílio reuniu por ocasião de seu período no Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, eu, que participei desta equipe no sentido mais amplo, na qualidade de Secretário Nacional de Energia por convocação de Marcos Pratini de Moraes, não vou me fixar nos aspectos ligados à condução da economia que influenciam todas as nossas atitudes, mas naquelas áreas que, em minha vida profissional, pude ter algum tipo de relação com o Ministro Marcílio.

Conforme escrito no livro, a primeira das vinhetas que eu gostaria de trazer é a proximidade do Ministro com o Padre Hélder, posteriormente Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara. Ele foi levado a conhecer Padre Hélder quando este chegou do Ceará. Um padre franzino, de forte comprometimento com a área social. Através de ligações com pessoas da família de Marcílio, aproximaram-se e mantiveram uma amizade que se prolongou até o falecimento de Dom Hélder. Como bem Marcílio registra em seu livro, Dom Hélder já deveria estar não só beatificado, mas santificado pela igreja em função de vida dedicada a redução das desigualdades sociais com toda habilidade e coragem que podem estar abrigados em um corpo frágil, mas em uma mente lúcida e comprometida.

O segundo ponto que eu gostaria de lembrar me é muito grato e importante porque sou um engenheiro civil formado em planejamento urbano. O tema das cidades e do urbanismo era o tema mais voga quando me formei e este tema era objeto no tocante a aplicação de interesse social de correntes que lutavam entre os que advogavam pela remoção de favelas e aqueles, como Marcílio, que tinham uma visão mais generosa no sentido de dotá-las de condições adequadas de vida. Marcílio havia sido nomeado presidente da Codesco - Companhia de Desenvolvimento de Comunidades, onde uma equipe multidisciplinar de arquitetos, do qual faziam parte colegas meus de colégio, como Carlos Nelson e pessoas de meu círculo próximo de relações, como a arquiteta Silvia Vanderlei, o arquiteto Aroeira e outros desenvolveram um trabalho de ouvir as lideranças comunitárias e promover, com seu conhecimento técnico e sua visão humanística, a transformação daquilo que antes havia sido uma favela de barracões de zinco (muito pitorescamente

cantados nos sambas da época, mas que na realidade representavam um modo de vida sub-humano) em um bairro popular. Marcílio acompanhou este trabalho frequentemente indo com suas filhas ainda pequenas visitar esta comunidade em Brás de Pina. E foi com muita emoção que nove destas pessoas estiveram na semana passada no lançamento de seu livro.

Em um salto nesta abordagem por vinhetas, outro ponto muito interessante colocado no livro é o relacionamento de Marcílio, quando membro da equipe do Ministro da Fazenda San Tiago Dantas, onde interagia com frequência com Celso Furtado idealizador dos primeiros planos de desenvolvimento regional compreensivos vindo de uma experiência anterior na Sudene, que havia fundado, e em um trabalho que agregava o melhor da inteligência econômica naquele período em que a passagem para o regime autoritário decorrente dos eventos de 1964 fez abortar. Celso Furtado, Otavio Dias Carneiro, José Guilherme Merquior, San Tiago Dantas e Marcílio entendiam que o caminho para se atingir o desenvolvimento como fim seria um caminho percorrido com a presença do estado e da iniciativa privada, como todas as atitudes adotadas naquela época.

Por fim, eu queira mostrar a capa deste livro aqui, “Quixote no Planalto”, que eu pude editar a convite não apenas de Marcílio, mas de vários companheiros do governo – e me recordo aqui do apoio recebido de Armínio Fraga e Pedro Bodin na publicação do livro. Lembro também suas colaborações escritas, além daquelas de Celso Lafer, Pedro Malan, Roberto Macedo e da minha própria, que sucedem a um brilhante extrato biográfico preparado por nosso querido e saudoso Ney Carvalho, homem do mercado e também historiador. Esse livro contém um conjunto de boas charges da coleção de Marcílio. Charges publicadas durante o período em que ele foi Ministro da Economia, muitas delas de autoria de Chico Caruso e outros. Quando editei o livro, chamei o Chico para fazer a capa, mas ele estava impedido de fazê-lo e indicou o ótimo Aroeira que fez esta capa aqui. Gostei muito. Ela simboliza o ideal quixotesco que Marcílio aponta no prefácio da obra seminal de San Tiago Dantas, “Dom Quixote, um apólogo da alma ocidental”, como o mais generoso tipo de amor: o “dom de si mesmo”, que é o dom que se faz a uma causa, a um amor, algo que transcende os limites de qualquer forma de interesse. É aquele engajamento que Malan lembrou muito bem ao narrar as observações do Embaixador Marcos Azambuja sobre a aceitação de Marcílio em se tornar Ministro da Fazenda a convite de Collor. Dizia jocosamente Azambuja: *“Marcílio simboliza aquela pessoa que está num escaler vendo o Titanic afundar e, em vez de se afastar, dirige-se remando vigorosamente a ele para subir na embarcação e tentar salvá-lo”*. Eu diria mais que isso: esta remada foi conjunta. Todos que estão aqui de alguma forma passaram por isso. Eu mesmo ouvi de Marcílio

naquela ocasião: *“É Alquíres, você está aqui. Isto possivelmente vai estragar seu currículo, mas o que se há de fazer ... o Brasil precisa que se faça este esforço”*. O esforço valeu a pena e eu entendo que para todos nós ele representou, usando a frase de Winston Churchill, “our finest hour”.

Muito obrigado a todos.

QUIXOTE NO PLANALTO

O RESGATE DA DIGNIDADE EM TEMPOS ADVERSOS

Marcílio M. de Azeiteira



com NEY CARVALHO e Arminio Fraga Neto, Celso Lafer,
Dorothea Werneck, José Gregori, José Luiz Alquéres,
Luiz Antônio Gonçalves, Nelson Carvalho, Pedro Malan, Roberto Macedo


EDIÇÕES DE
janeiro

Digitalizado com CamScanner